

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. de Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Baão, 50 — Lisboa.

16 DE AGOSTO DE 1910

N.º 278

Sua Magestade a Rainha na cidade da Guarda



A Senhora D. Amelia dirigindo-se para o seu automovel

A conversão de Gomes Leal

De todos os acontecimentos que impressionaram o espirito publico nos ultimos dias decorridos, foi este o mais vivo, o mais intenso, o mais profundo. Não é caso raro a conversão, ao catholicismo, de homens illustres, no momento em que a vida foge e a eternidade se aproxima. Aquelles a quem estas conversões *in articulo mortis* não conveem, porque ellas riscam e annullam todos os protestos, todas as independencias, todos os auctoritarismos de opinião sustentados até ahí por aquelles que de subito renegam todo o seu passado, attribuem-n'as em geral ou ás supplicas da familia, como succedeu em França com Littré e entre nós com Oliveira Martins, ou então á derrota do organismo e á debilidade cerebral de que resulta a inconsciencia.

Não foi este felizmente o caso que se deu com Gomes Leal. O poeta do *Anti-Christo*, o pamphletario da *Traição* e do *Herege*, estava em todo o vigor das suas pujantes faculdades. Os seus ultimos versos tinham a grandeza e o rythmo de quantos pela vida adiante lhe deram um dos nomes mais illustres de que póde ufanar-se a litteratura portugueza. A philosophia do seu espirito de revoltado e independente, bem accentuada e expressa nos seus ultimos trabalhos de prosador, accusava a firmeza das suas opiniões e a solidéz do seu criterio de livre pensador.

Subitamente desaparece, e para sempre, aquella boa e santa senhora que era toda a alegria, o elemento predominante d'essa gloria de viver de que fala o poeta, e que constituia a razão de ser da vida, da intelligencia, do coração amorosissimo de Gomes Leal.

Para um poeta da sua esphera, para um cerebro da estrutura do seu, onde a imaginação dá vulto ás coisas, transforma casos vulgares em acontecimentos vastos, e o que é natural e simples como a morte attinge, avolumado pela dôr e pela saudade, proporções de tragedia, a morte da mãe de Gomes Leal foi, n'estas condições, um acontecimento de tal magnitude que operou no espirito do filho amantissimo o que póde chamar-se uma revolução moral. Ella era extremamente boa e extremamente religiosa; e na hora proxima da morte pediu ao filho a quem deixava a sua recordação e a sua alma que fosse ouvir uma missa por ella. Tocou-o por assim dizer da sua graça, transmittiu-lhe uma sensação moral que elle até ahí desconhecera, e através da morte que se avisinhava poz-lhe na retina e na consciencia a visão de um mundo novo, do Além, de uma Vida Eterna, em que aquelle Christo amoroso, que o poeta tão fundamente sentira na *Visão de Jesus*, de braços abertos se conservava, não pregado á cruz de madeira, mas, terno e carinhoso, de sorriso nos labios para receber o espirito, que, evolado do corpo, fosse refugiar-se no oceano da misericordia divina e infinita.

E' um phenomeno psychologico, que por ser raro e grande, não deixa de ser comprehensivel. De todos os acatamentos e de todos os respeitoes, como poeta eminente, como homem, como consciencia, era merecedor aquelle que tinha pelo talento dignificado as letras, e pelas suas ideias avançadas servido bizarramente o partido em que militava. Perguntem a Gomes Leal como foi que o trataram, e lhe



O poeta Gomes Leal

pagaram tantos serviços prestados, aquelles que, em vez de se curvarem como nós, perante um grande e estranho grito de consciencia, só encontram no vocabulario termos deprimentes para o correligionario de hontem, para o poeta lyrico e pantheista das *Clavidades do Sul*?

O meu protesto — Carta aos sacerdotes ebristãos

Em 1900 escrevia eu:—«A Europa adoéce de todos os defeitos da nossa civilização burgueza: o *Egoismo*, a *Rapina*, a *Embófia*. Pelo egoismo, a civilização deixa morrer de fome o pária na Índia, e na Europa o proletario. Pela rapina alimenta, carinhosa e mater-



Gomes Leal e a sua discipula

na, com bifés de selvagens, de índios, egypcios, e demais nações, e estomago dos seus piratas. Pela embófia, prepara as *bancarrotas* e cria entes ridiculos e efeminados, que são os bonécos do Luxo.

A oratória tornou-se uma declamação, a litteratura um phonographo, o theatro uma carta transparente, a poesia uma caixa de musica. Ha paixões e cujas postigas, bons sentimentos e douraduras artificiaes. Podeis dourar a vossa honra e os vossos queixaes, a vos-a dignidade e o dente do sizo. E' o seculo do ilusionismo, do reclamo, dos labirintos de espellos, dos poetas *decadistas*, e das cabeças falantes. Exhibem-se princezas todas nuas em caixas de phosphoros de cera. Florescem os *cotillons* nas salas, e no theatro os bailados de serrallo. Aquelle cynico bandalho que alli vae, de penante amolgado e pala verde n'um olho, vende lithographias imorales e utensilios secretos. Quem é aquelle apparatuso *Nababo*, de barbas apostolicas, que vae rumpado n'um *laudau*, puxado por quatro meklemburguezes? E' um ex-trapaceiro, que deitou certos pós no *coygnac* do seu sócio, alim de lhe fazer ouvir mais depressa as celestiaes simphonias. Quereis um amor, um discurso, uma cavatina, uma tragedia?... Chegae-vos áquelle cavalheiro pallido e engomado, ou áquelle dama de olhos macios e espartilhada, e toce-lhe n'uma *certa moia*. E' preciso que Edison fabrique o *manequim sentimental e pratico*:— um cavalheiro de monóculo, que ajoelha e faz uma declaração de amor, em se lhe deitando n'um certo buraco, do lado do coração, uma libra de bom toque. Quem fizer isto ganhará milhões e fará uma preciosa sátira.»

Isto escrevêra eu em 1900, no *Fim de um mundo*.

Ora hoje, em Portugal, em 1910, nada ha mudado em quanto á qualidade, mas sim em quanto á quantidade. Parece que não decorreram só dez annos, mas dez seculos de perversidades, de blasfemias, de politicas sangueiras. Porque a verdade é, que n'estes dez annos não se cometeram só vulgares delapidações e politicas roubalheiras, perpetraram-se verdadeiros e autenticos crimes. E elles foram d'esses hediondos crimes, d'esses terriveis e espantosos crimes, que enlaivam e maculam para sempre as paginas santas da grande alma de um povo, e que n'elle ficam impressos a letras de fogo, d'esses crimes que revolvem os ossos dos mortos nas suas campas geladas, que

bradam e protestam perenemente e clamorosamente, para os céos justiceiros e implacáveis.

Diz-se que D. Carlos I commettera hediondos despotismos, violencias, peculatos.

Mas que crime havia perpetrado, sob os olhos dos céos invioláveis ou dos homens, o joven príncipe real, puro de toda a mácula? Que crime havia perpetrado tambem então o imberbe e juvenil infante, que hoje é o rei D. Manuel, e que estava tambem para ser chacinado como seu irmão e seu pae, e todos os demais membros da familia real, á sanha dos sicários conluídos?... Acaso não sabiam, ou não sabem estes homens de violencia e de exterminio, que o sangue do innocente, quando ensopa a terra, clama e brada mais do que o de nenhum outro mortal, aos ouvidos da inalteravel Justiça que habita nos céos intemeratos?... Não o sabem elles acaso?... E não o sabem por que se cognominam livres pensadores, ou por que os seus peitos de calcareo estão embotados e impassíveis por theorias de morte e de exterminio, ou por facciosismos sanguinarios?... Como querem portanto elles, como quer este governo periclitante, que abí está hoje nas cadeiras curúes do poder, sem orientação e sem livre alvedrio, conceder a amnistia a assassinos desnaturados, quando o sangue das victimas no solo da patria ainda fuméga, por que não teve ainda tempo de arrefecer e de enxugar no

Não brinquem com elles, porque ignoram a sua força simples! Não os apupem, nem cubram das vaías populares, porque são humildes! Nem aticem tambem as labaredas do incendio demagogico contra os seus pobres e desabrigados eremiticos, porque esse incendio póde lavar até ás capitães e aos palacios, e porque elles tambem são homens, são cidadãos, e alguns d'elles, coitados! são tambem proletarios da batina e da roupeta.

O parochó rural — lembrem-se bem d'isto — está tão agarrado á sua egreja rustica e ao seu torrão patrio e simples, que quando amado pelos seus fieis, se d'ahi o descolam e enxotam como um sarnento rafeiro, parece que todo o torrão revoltado tambem vem atraz d'elle. Tem-se visto e ainda ver-se-ha!

O odio truanesco ao padre é uma *phobia*, tão caricata afinal como todas as *phobias*. Elle procede ainda d'esses tempos declamatorios e jacobinos dos discipulos de Diderot e de Pigault-Lebrun, que pré-gavam tão rabiosamente, deante de uma turba esguedelhada e vinolenta de *sans-culottes*, aquelle paradoxo escarlate de se enforcar o *ultimo rei nas tripas do ultimo frade*.

Mas n'este seculo de analyse e critica fria, quando livre das paixões da praça publica ou da ruela, estas *phobias* jacobinas cahem no mais deploravel ridiculo, e não obtem nenhuma cotação perante os humanistas ponderados modernos, isto é, os sabios de juizo re-

Sua Magestade a Rainha na cidade da Guarda



Sua Magestade, auctoridades civis e militares, e algumas das principaes pessoas da cidade

torrão onde cahiu, nem tambem de emudecer e de deixar de bradar pela vindicta eterna? ..

Não. A amnistia dada em taes casos, tão recentemente, tão extemporaneamente, tão imprudentemente, não é só um arriscado acto politico inhabil, é uma affronta ás mais simples noções da Justiça.

Concedam essa amnistia muito embora aos réos de delictos de imprensa, aos rebeldes da opinião publica, aos insubmissos e exilados. Nada tenho com isso. Mas ainda é cedo para os assassinos politicos, para os homicidas dos Braganças, para os matadores de creanças irresponsáveis e innocentes!...

Uma outra cousa me repugna e me doe, me repugna como philosopho, e me doe como christão, é esta guerra incruenta e desastrosa que se está imprudentemente aticando contra a Egreja e os seus ministros.

Politicamente é uma atroz ineptia, porque taes politicos ignoram quíça que estão brincando com o fogo, e talvez desconheçam ignaramente o poder que tem ainda o presbytero christão no seu torrão patrio, e no animo religioso dos seus parochianos.

Philosophicamente é um erro crasso, sobretudo em livres pensadores que pregam a liberdade immaculada e augusta das consciencias.

O presbytero, e sobretudo o parochó rural no seu torrão alpestre, no seu ninho sertanejo e singelo, na sua courela quasi patriarchal e modesta, extranha ás pompas e ás vaidades do mundo, é ainda uma potencia digna de respeito e veneração, porque elle representa um symbolo augusto, e elle é a caracteristica de uma tradição secular e forte.

clilneo e são, os que teem a glandula pineal em bom estado. As guerras de religião da barbara Edade Media já não teem razão de ser n'um seculo que pompeia de asisado e culto. São contrasensos historicos, que se pagam muito caro, tanto para vencidos, como para os vencedores ovantes.

Ninguém tem o direito de cortar a vida d'alguem, senão aquelle que nol-a outorgou, que foi Deus. Mas esse mesmo nunca usou nem abusou d'esse direito, visto que o espirito é imanente, e a Materia, segundo o que a Phisica reza, transforma-se, mas jámais se aniquila no Espaço, no Tempo, no Numero.

Eu por mim lastimo, do mais entranhado do meu intimo ser, essa guerra incruenta, iniqua, impolitica, que vejo aticar-se contra a Egreja, contra o Christo, e contra os seus ministros, desde os mais graduados e poderosos, até ao mais humilde e pacifico padre de serrana aldeia.

Prevejo n'este seculo *anti-christianisado*, que eu já descrevi algures, uma guerra sanguinolenta, anti-christã, anti-philosophica, anti-humana. Prevejo uma guerra fratricida e iniqua, em que os livres pensadores não levarão decerto a melhor, e contra ella aqui protesto solemnemente e me insurjo, porque, tendo sido toda a minha vida um combatente em prol dos opprimidos, bandear-me-hei de animo alegre e de consciencia placida e tranquilla, em defesa da Egreja perseguida, e dos ministros dos altares assassinados e espoliados.

Servi sempre o ideal republicano sinceramente, desassombradamente, e n'elle mantive e mantenho amizades preclaras e sinceras, mas n'este momento solemne da minha vida e da historia do meu

paiz, desligo-me d'elle, porque o plano do seu combate anti-christão e anti-religioso briga profundamente com as minhas convicções espirituales.

Crimes laicos e religiosos sempre se perpetraram em todos os tempos, tanto no Estado como na Igreja. Mas também lá nos seus códigos se contem as leis para os punir. O que nunca se viu escripto, porém, em nenhum código humano, é que se extinga e se vote ao exterminio toda uma classe inteira, por alguns *delictos dos seus membros*. A Igreja todavia nunca se extinguirá nem anniquilará. Será sempre uma quixotesca demencia herética, não só pensal-o, como tental-o. A sua força não provém dos homens, por isso não deve temer os homens. E a provar a fé n'isto, solememente declaro que me retrato, repillo, abjuro de todos os escriptos e poemas que hei tracejado, em que se contém materia contraria aos ideaes que actualmente professo, e que foram de escandalo para o Christo e a sua igreja. Porque as obras que eu hoje perfilho, préso, e quero que deponham amigos meus sobre o meu peito, e dentro do humilde caixão que baixar á minha derradeira jazida, são o segundo *Anti-Christo*, a *Senhora da Melancolia*, e essa macia, branda e suave *Historia de Jesus*, que eu tracejei n'uma hora feliz, para as loiras creancinhas lerem.

De hoje em diante o meu caminho está prescripto e traçado. Combaterei sempre a favor do verbo do Christo ultrajado e dos seus antistes christãos perseguidos. Pelejarei com a sinceridade de cora-

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Um livro recente: Dez contos em papel, do sr. André Brun, Pa-lestra amigavel com o auctor. — No segundo anniversario da morte de Trindade Coelho: uma manifestação no cemiterio dos Prazeres. — A conversão do poeta Gomes Leal. — A visita de Sua Magestade a Rainha ao Sanatorio da Guarda. — A feira de Agosto.

Ora, o meu caro Brun... Tenha a bondade de entrar. Então, sente-se, sente-se, esteja á vontade... Exactamente como nos seus tempos de cadete da Escola, quando aqui vinha com a cabeça cheia de illusões — parecia tel-as n'esse tempo — e a sua ruidosa, doidivanas alegria que varria a tristeza d'esta casa, d'esta sua pobre casa — hoje como então. Deixe cá ver esse chapéu e essa bengala, homem. Que diabo, você não está á

Sua Magestade El-Rei na cidade da Guarda



O Senhor D. Manuel, a uma janella, agradecendo as manifestações

ção com que tenho profligado sempre a favor d'estes augustos ideaes, e se acaso n'esta refrega ou n'outra iniqua e maldita, os justos forem derrotados, eu terei o maximo jubilo intimo, em cahir varejado entre as phalanges dos perseguidos, dos martyres, dos vencidos.

Uni-vos, pois, ó parochos christãos, pejejae pelas vossas crencas e as vossas regalias, por que vós não tendes culpa dos crimes d'outros, e a campanha que se vos move é iniqua e desigual!...

Por mim, continuarei sempre a protestar convictamente contra esta onda de lama e sangue, com que nos querem salsujar e laivar a todos, e contra este projecto de amnistia aos regicidas, outorgada talvez, quem sabe! para purificar tambem os incendiarios de Alijó.

Agosto-1-910.

GOMES LEAL.

Espantalhos para afastar os passaros

Cravam-se estacas nos campos a uma certa distancia uma das outras, ligando-se-lhes os tópos com cordeis. N'estes penduram-se, por meio d'outros pedaços de cordel, batatas com grandes pennas espetadas.

A menor aragem estes espantalhos movem-se com grande facilidade, assustando as aves.

vontade! Pelo menos parece não estar á vontade! Olhe, aqui, n'este cantinho... vem ar d'alli, é mais fresco, você aqui está melhor. Isso... muito bem...

... Pois é verdade, eu cá vou indo. Velho, muito velho, velhissimo. E da peor das velhices, meu caro amigo: d'aquella a que o Fialho chama precoce. Estou com 42 annos mas sinto-me como se me pesassem no cachaço mais 20. A vida, a vida, que tão madrastra me tem sido... Ai, ai!... E você, e você? diga-me: Tem trabalhado muito? Bravo! bravo! Eu tenho ouvido e tenho lido nas gazetas: muitas peças, muita gloria... Pois ainda bem, meu caro Brun, ainda bem...

Eu sempre lhe disse que você tinha o seu futuro garantido a não desbaratar o seu capital alegria e a não perder a boa somma d'audacia que o seu ar de mosca atarantada encobria a olhos menos perspicazes que os meus. Ah, meu amigo, eu nunca tive illusões a seu respeito: você havia de ser um triumphador, condicionalmente, é claro. E foi. E está sendo. E Deus permitta que isso continue... E continua, pode crêr que continua, juro-lhe que continua: a questão está em você ter juizo e amar um pouco mais a sua profissão de escriptor — com aquella probidade com que se ama uma mulher com quem se não pode casar...

Você sabe que este meu modo de pensar não é de hoje. Ha dez ou doze annos eu dizia-lhe a mesma coisa. «André, você é um moço cheio de facultades, como dizem os *toreadores*. Você tem vida, hein? e essa costella de francez garante-lhe quasi, — quasi, porque já ha em si mistura de sangue portuguez — essa preciosa coisa que é o espirito.

Você não tem senso crítico, porque a sua grande força está talvez em não ter mesmo senso commum, mas você tem um grande poder de visão e nada lhe é mais facil que achar o lado ridiculo das coisas. Isso é magnifico porque é raro—entre nós. Você é incapaz de despedir do seu arco de combatente a farpa d'ouro da ironia, porque você não é um ironista. Mas você tem graça, muita graça, immensa

to, não fez caso. E ao cabo de 10 annos, não tendo feito caso da minha recommendação, fez um livro. Elle aqui está. São os *Dez contos em papel*. Já o li. E gostei. Gostei muito. A parte humoristica, especialmente, agrada a gregos e trojanos. E aquelle conto *Micas* é uma maravilha de observação, de delicadeza. Sim, senhor, aquillo é modelar em qualquer litteratura. Excellente, excellente.

A feira de Agosto



Aspecto geral

graça e, dada a despreocupação do seu espirito em mais de uma circumstancia, você pode e deve ser um desenfatiado escriptor que facilmente se fará amar pelo publico. Mas não se contente com a facil gloriola d'essa conquista que a muitos se aligura e para os quaes é um impossivel e que no entanto é mais vulgar que o regular exito na conquista d'uma creada de servir. Empaime a sympathia da multidão, que isso é preciso. Pelos seus processos actuaes, sim. Mas não descure uma hora, um momento que seja, a sua educação intellectual. Senão, a breve trecho, as bolas de sabão da laracha terão reventado todas e você ver-se-ha na triste situação de soprar baldamente no seu canudo de cana. Quero eu dizer na minha que você se deve preparar para obras de mais folego, para coisa mais substancial e perduravel, que você pode e deve fazer. Como poucos, André, como poucos! Trabalhe, leia, leia sobretudo, leia muito. Mas não vá ler Bourgets, Daudets, Ohnets, Feuilletts. Leia portuguezes dignos de serem lidos. Leia você o velho Castilho, o grande Camillo, Rebello da Silva, o Latino. Leia você esses admiraveis livrecos do Candido de Figueiredo que evitam que a gente a cada passo diga asneiras. Não vá agora ler o Vieira dos *Sermões* nem o João de Barros das *Decadas*, hein? Mas leia os modernos, leia esses que lhe apontei. Você para ser escriptor precisa saber escrever, hein? Você não tem vocabulario e carece d'elle, é claro. Você não sabe escrever e precisa saber escrever, é clarissimo. Ora você vae desemborrase na leitura. Varie com os modernissimos; olhe, leia o Anthero de Figueiredo, leia o Dantas, o Afonso Lopes Vieira. O Anthero, em especial. O Anthero está escrevendo admiravelmente.

Quantas vezes, quantas, meu caro Brun, eu lhe disse isto n'aquelle tranquillo rez-do-chão da calçada de Sant'Anna, ás noites quentes, no escriptorio, com a janella aberta, ouvindo o conde de Mangualde zangar-se com os parceiros do *bridge*! Tomavamos café feito sobre a secretária... E' verdade, quer você uma chicara de café?... Pois está claro que quer, e eu tambem. E' aquella celebre mistura de Casengo com S. Thomé e Angola, o melhor que ha em café. E vamos fumar um cigarro, Brun, vamos fumar um cigarro e cavaquear com ha dez annos, na calçada de Sant'Anna. E conversaremos com aquella franqueza que caracteriza as boas, as solidas amizades. Porque nós somos muito amigos, André Brun, não é verdade? Não ha duvida que somos. Eu chego até a responder por mim. Por você ponho as mãos no fogo.

Pois como eu ia dizendo, aconselhei-lhe a leitura. Você, pelo vis-

No entanto... No entanto, meu caro Brun, o seu livro é horrivel, simplesmente horrivel. E porque? Porque você não quiz dar ouvidos ás amigaveis recommendações que eu lhe fiz. Você, hoje, como então, não sabe escrever. E' isto que lhe digo. Quer ver? Quer convencer-se? Pois vejamos...

... Aqui temos nós isto: «Puseram-se a amarem-se...» E mais isto: «... os outros se divertem ou procuram divertirem-se.» E ainda isto: «felizes os que ainda podem estimarem-se a si proprios.» E isto: «esse rabo é um *entretém*.» E mais duas vezes *reportorio* e tambem umas «cotovias alegres segurando a barriga para não estourar a rir.» E muitas dezenas mais de coisas que não me occorrem agora, mas que aqui estão...

... Assucar, deixe deitar no café mais umas colheres de assucar. Deve estar muito amargo...

E é deploravel, meu caro Brun, que um interessantissimo livro, como o seu é, enferme de tal pécha. Porque você tem graça, muita graça, muitissima graça. E' um nunca acabar. Ora vejamos aqui, ao acaso. Isto, por exemplo:

— «No entanto, creia, continuou Palmyra, que sinto uma decidida vocação para as letras, apesar de não ter feito exame de instrucção primaria.

£ — «Em Portugal não é preciso, interrompi eu.»

Eu acho isto encantador, meu caro Brun. Porque aqui não ha só graça: ha convicção.

Ou não?...

Passou no dia 9 o segundo anniversario da morte do dr. Trindade Coelho, o escriptor insigne que n'uma torva hora de angustia poz termo á vida, deixando como cidadão, como magistrado, e como publicista, uma memoria honrada e illustre, commovidamente recordada por quantos o conheceram, apreciaram os altissimos dotes do seu bello espirito e a rigidez, a austeridade do seu nobre character.

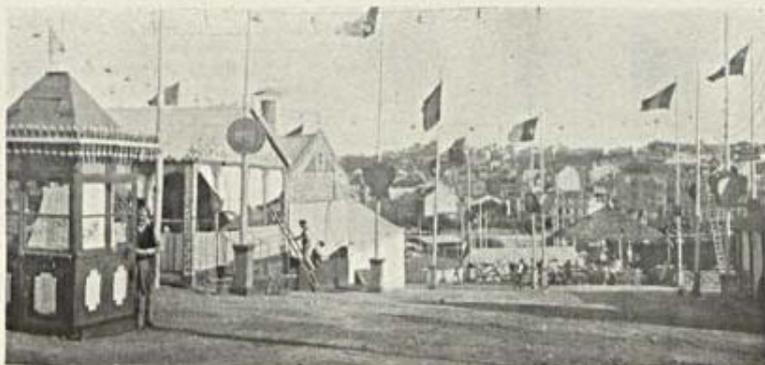
Houve n'esse dia, como já houvera no anno passado, uma romaria ao cemiterio dos Prazeres, onde descançam para sempre os restos do desditoso escriptor. Algumas escolas, agremiações liberaes, politicos. Mas a cerimonia revestiu mais o character de manifestação politica que homenagem ao amigo das creanças e ao devotado propugnador da instrucção popular. A obra mais apoteosada de Trindade foi o seu *Manual Civico do Cidadão Portuguez*. Dos seus interessantes, lucidissimos opusculos, versando a questão pedagogica, quasi se não falou. E quem nos diz a nós que não era essa a sua obra amada?

O pobre Trindade Coelho! Como elle acabou! Como alma de tão rija tempera poude succumbir á adversidade que ainda o não cançara!

Ainda não foi esquecido...

Gomes Leal, o poeta heretico, vem de converter-se ao catholicismo, abjurando publicamente da sua gloriosa obra. Mais: Gomes Leal, velho republicano que á causa deu o melhor do seu talento, do seu valimento, renega as suas velhas ideias e filia-se no nacionalismo.

O caso produziu barulho. Nem era para menos. Gomes Leal não evoluiu. N'um dado momento virou... do avesso. Virou a casaca, como se diz em gíria politica. Ha pouquissimos mezes, tres, talvez, o poeta publi-



(Cliché de J. Benoit).

Um trecho da feira de Agosto

cava ainda uns pamphletos com o título *Verdades amargas*, fustigando a Igreja e a Realza.

Fez-se um revolução no seu espirito? Talvez. Mas, a ter-se verificado esse phenomeno, não é a nós que cumpre apreciar-o. Temos que aceitar a conversão de Gomes Leal como um facto consummado, — nada mais. Casos de consciencia não se discutem: acatam-se.

Mais um que foge á crua luz do sol das refregas em que se exgotam as energias do espirito e do coração por um ideal que mais tarde se reconhece ser uma ficção. Mais um que vai procurar na fria escuridão das naves da casa de Deus paz para a sua alma desalentada, tranquillidade para o seu espirito em desasoscego.

Sonhador, visionario, poeta... Deixemol-o reconciliar-se com Deus.

Sua Majestade a Rainha Se-



A questão religiosa em Hespanha

*D. Emilio de Ojeda
Embaixador da Hespanha
junto do Vaticano*

nhora D. Amelia interrompeu a sua costumada villegiatura em Cintra para ir á cidade da Guarda visitar uma das dependencias da benemerita Assistencia Nacional aos Tuberculosos, de que a Augusta Senhora foi fundadora e é protectora disveladissima. Como se sabe na Guarda ha um magnifico sanatorio, designado pelo nome do insigne professor e grande medico que foi Sousa Martins.

Foi esse sanatorio que a Senhora D. Amelia visitou e a visita foi demorada como todas as inspecções que a Mãe do Chefe do Estado realisa na sede da Assistencia, em Lisboa, que tanta attenção lhe merece. Sua Majestade, quer no percurso, quer na cidade da Guarda, foi alvo das mais carinhosas manifestações e teve enjejo de mais uma vez avaliar o quanto é amada e respeitada pelas suas virtudes, benemerencia e infortunio.

No alto da Avenida da Liberdade, lá está, na forma do pouco louvavel costume, encapitada e pretenciosa, a feira que no mez corrente usa de pseudonymo, envergonhada das suas façanhas de fachada em Alcantara, para passar por honesta entre a honesta gente das novas avenidas.

Que lhes hei eu de dizer da feira de Agosto, além do que já disse no anno passado, no outro anno? Ella é sempre a mesma, ordinaria, falha de gosto, pelintra, obscena. Ordinaria, pela sua maneira que nenhuns arrebiques mascaram, falha de gosto porque insiste nos seus abarracamentos uniformes e desgraçados, pelintra pela po-

breza que roça pela sordidez e obscena nos seus espectaculos, que são verdadeiramente degradantes.

Uma miseria. Com este ruim defuncto, que insiste em resuscitar todos os annos, não gastarei sequer um côto da minha cera. Relego essa tarefa aos noticiaristas das gazetas diarias que dia a dia fazem a estatistica das bebedeiras, das prisões, dos furtos e das facadas. Isso é com elles.

Camara Lima.

A questão religiosa em Hespanha



O actual presidente do gabinete hespanhol, sr. Canalejas

A ruptura de relações entre a Hespanha e o Vaticano, a intransigencia do governo hespanhol, a retirada de Roma do diplomata que representava a Hespanha junto do Vaticano, a prohibição aos catholicos de se reunirem em S. Sebastião, a exhibição de forças militares para manterem as ordens do governo, todos os ultimos acontecimentos de Hespanha enfim, deixam tamanho relevo ás individualidades de Canalejas, do embaixador hespanhol, do nuncio de Sua Santidade em Madrid e do cardeal Merry del Val, que dando hoje em gravuras os retratos d'estas personalidades em voça procuramos satisfazer a legitima curiosidade dos leitores do Brasil-Portugal.

Obsessão de um nome

O africanista Antonio Carvalho voltara da Guiné ao reino com uma centena de contos cunhados em



A questão religiosa em Hespanha

*Monsenhor Antonio Vico
Nuncio de Sua Santidade
em Madrid*

fino metal inglez. Tinha então quarenta annos.

Filho de um escuro logarejo da Beira, Antonio Carvalho, com as posses dos paes, uns fracos lavradores, ainda conseguira trepar pela barreira das letras até Coimbra; mas, um dia, descobriu-se incompativel com os lentes, e após um facil exame de empregado ultramarino, abalou-se para a Africa, onde, como elle dizia, se apanhavam libras como milho.

Dois annos depois da sua chegada a Bolama, fazia-se roceiro, e nunca se soube por que magias de sciencia agricola elle fazia germinar um cartucho de libras em cada espiga dos milharas.

Fosse como fosse, o mysterio scientifico era terrivel, porque, no fim das colheitas, quando se descamisavam as espigas, os indigenas, ingenuos e supersticiosos, porventura assombrados do feitiço, cahiam mortos ás centenas.

Assim se creou á volta do Antonio Carvalho uma lenda de medo divino. Os pretos chamavam-lhe atterradamente *o branco das espigas*.

Só quando os serviçaes faltaram, o afortunado colono se decidiu a voltar ao reino, sedento das honrarias sociaes que outrora desdenhara repellindo lentes e bacharelato.

Agora, já a caminho de Lisboa, installado n'um confortavel beliche, o seu pensamento ia todo para as honrarias.

Nas noites mais balouçadas da travessia maritima, amenizava a insomnia avivando gestos airozos, palavras fidalgas, poses engommadas, toda a *toilette* de apresentação no mundo elegante, amarrutada na faina do sertão. Recordava tudo o que tinha visto



A questão religiosa em Hespanha

*O cardeal Merry del Val, secretario d'estado de Sua Santidade
o Papa Pio X*

de mais donairoso e gentil, desde a solemnidade mythologica dos lentes ao passo galhardo e cesareo do ultimo governador.

«Se me apanho em Lisboa»...

E era tanta a urgencia de se ver glorificado que, em sonhos, ferrava a nuca contra a proa, para augmentar a velocidade do vapor.

Mas — pobre semi-deus empacotado n'um beliche! — ao desembarcar na capital, em seguida ao almoço do Hotel Braganza, apenas ponde encontrar n'um jornal da manhã esta noticia escripta em typo microscopico: «Passageiros chegados hontem no vapor *Bonança*: José Francisco, Antonio Carvalho, José Manuel»

Lendo o seu nome mettido entre um José Francisco e um José Manuel, foi como se lhe entalhassem o coração entre duas pedras: ia morrendo.

trar. Nesse momento, vinha sabindo um empregado subalterno. Antonio Carvalho deteve-o com sobrançeria:

— O senhor é empregado da alfandega? — o empregado tiron o côco fazendo um gesto affirmativo — Pois vá-me immediatamente desfazer este engano.

— ordenou com altivez, passando-lhe um papel impresso. O empregado olhou-o estranhamente. Seria algum superior desconhecido? Algum alto funcionario? Quem sabe se ministro? E mirava-o meio timido, meio desconfiado, receioso de ter na sua frente uma alta personagem.

— V. Ex.^a faz o obsequio de dizer-me quem é? arriscou medrosamente.

— Antonio Carvalho, chegado hontem da Guiné.

Annunciando a coroação de Jorge V



O principal rei d'armas da côrte ingleza annunciando das janellas do palacio de S. James a coroação de Jorge V para o mez de junho do proximo anno

Foi preciso galgar a escadaria do hotel e passeiar Lisboa, aspirando soffregamente o vento nas boccas das ruas e a frescura ao longo do rio. Elle que resistira graniticamente ao clima da Guiné, sentira-se morrer em frente de uma linha do *Secu'o*.

«Mas não sou eu um grande capitalista? A imprensa que publicou o meu nome nas relações dos actos universitarios e nos meus recentes contractos com o Estado, desconhece-me, ladeia-me de dois ninguens?! Estúpida imprensa! Afinal — monologou mais sereno — eu é que tive a culpa. Porque diabo não havia de participar a minha vinda ao Rodrigues que escreve no *Noticias*?»

E caminhando, monologando, ia accusando-se e fulminando a imprensa, Lisboa, o reino, a Europa, a civilização inteira, quando se encontrou em frente da alfandega.

Como na vespera houvera um engano de bagagem, lembrou-se de en-

trar. Foi como se a um carregador da alfandega lhe cahisse dos hombros um disfarce de principe:

— Antonio Carvalho!... gargalhou o empregado trinando as syllabas.

E voltou zombeteiro para dentro, de papel nas mãos, a contar, em risos sonoros, aquella surpresa aos camaradas.

O caso correu, como um fio de polvora, pelos empregados, de bocca em bocca, de sala em sala, de corredor em corredor.

De toda a parte assomavam cabeças de empregados trocistas, perguntando-se e apontando-o com o dedo:

— E' aquelle o tal Antonio?

— Qual Antonio?! diga sr. Antonio.

— Dobre a lingua: Senhor Dom Antonio.

— Protesto! E' sua alteza o Senhor D. Antonio...

Familia Real Portuguesa. — Ha quarenta e dois annos



Da esquerda para a direita: — S. M. a Rainha Senhora D. Estêphania — S. M. El-Rei D. Pedro V — S. M. El-Rei D. Luiz I (entoão Duque do Porto) — S. A. a Senhora Infanta D. Antonia (hoje Rainha da Saxonia) — S. M. El-Rei o Senhor D. Fernando — S. A. a Senhora Infanta D. Maria Anna — S. A. o Senhor Infante D. Fernando — S. A. o Senhor Infante D. Augusto — S. A. o Senhor Infante D. João

E o nome do africanista ia estralando em mofa na fila dos empregados como o estoirar de foguetes n'uma latada de arraial aldeão.

O capitalista avançava espumante, livido, entre o gargalhar do seu nome, como o condemnado entre um rufo de tambor, a caminho do suplicio. Os murmurios redobravam envolvendo-o, agora mais surdos, te-



Antonio da Costa

Um dos proprietários da Fazenda Maravilha

As photographias que hoje publicamos sobre o assumpto dão uma idéa do que é a grande Fazenda Maravilha-Cassequel pertencente á firma commercial Antonio da Costa & C.ª — uma das mais importantes de Benguella.

A fazenda occupa uma enorme extensão desde a cidade de Benguella, atravessando a cidade de Catumbella, indo terminar na florescente villa do Lobito. Mede 18 kilometros de comprimento e tem uma área superior a 5.000 hectares.

É muito fértil e rica em produções, sendo uma das mais importantes a da canna para destillação ou fabricaço de assucar. Não obstante ha ainda n'esta vastissima propriedade uma grande porção de terreno inculto cheio d'uma vegetação soberba.

A fazenda é atravessada por uma linha Decauville, possuindo tambem um ramal de linha ferrea e apeadeiro.

merosos e fundos, como vagas do mar alto. A' sua passagem cada um se inclinava em cumprimento escarinho.

- Antonio . . .
- Senhor Antonio . . .
- Senhor Dom Antonio . . .
- Sua alteza, Senhor Dom Antonio . . .

Houve mesmo um carregador que zoeou pelas mãos arqueadas em tuba:

- Sua Magestade, o Senhor Dom Antonio!

O africanista rompia cambaleante em busca de uma porta. As syllabas do seu nome cahiam-lhe nas orelhas como pedradas. E cada vez mais as syllabas gargalhadas se multiplicavam e repercutiam nas salas e nos corredores. Sentia-as estralando debaixo das botas e tamborilar nos vidros das janellas. Lá fora, as carrêtas esmagavam-as na rodagem, e até as aguas do rio as borbulhavam zombeteiras.

Quando á sahida da alfandega se atirou sobre as almofadas de uma carruagem, suffocado, agono, como se lhe houvessem atado um laço á garganta, mal ponde balbuciar ao cocheiro:

— Ho . . . tel Bra . . . gan . . . za . . .

Ao entrar no quarto perguntou ao creado se havia alguma carta para elle.

— O nome de V. Ex.ª? interrogou o creado.

Antonio Carvalho sentiu vontade de o estrangular. Conteve-se ao ver o numero do quarto, respondendo desabridamente:

— Sou o 26.

Horas depois, nobilitava-se assignando-se no livro dos hospedes: Antonio de Carvalho. O seu nome que até na garganta dos creados lhe parecia uma risada corrida, passou a ter na particula de uma suspensão elegante. Quando a pronunciava a si proprio, apoiando emphaticamente a lingua contra os dentes, sentia todo o corpo alteiar-se e crescer n'uma attitude de fidalgo medieval.

Este de era um garfo heraldico enxertado entre dois nomes, como uma borbulha de arvore antiga e sagrada entre dois ramos bravios de espinheiro serrano. E consumia horas e horas a escrever juntas sem a

Assumptos coloniaes



Na provincia de Angola — A FAZENDA MARAVILHA-CASSEQUEL

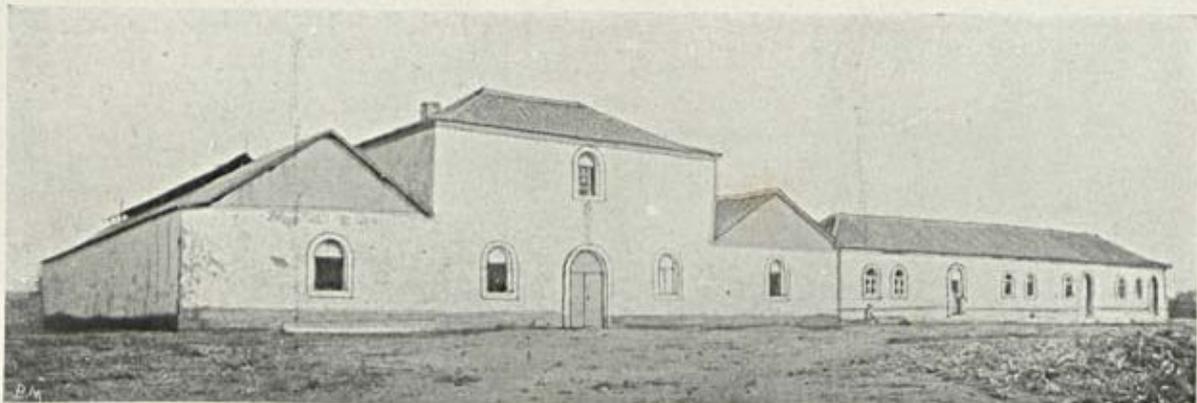
Uma rua de palmeiras

mais estreita soluço de continuidade, as tres palavras do nome, talvez para que o de posto em contacto com os dois appellidos plebeus, lhes transfundisse o sabor distincto e a gravidade fidalga.

Não houve, então, conhecido em reconcavo da Beira que não recebesse a noticia da vinda, n'um fino bilhete de visita.

— Mas d'onde viria este de ao Antonio? perguntavam os amigos intrigados.

P'assados mezes, o *Diario do Governo* publicava que fôra concedida,



Assumptos coloniaes — Na provincia de Angola — A FAZENDA MARAVILHA-CASSEQUEL

Casa de habitaço e officinas de destillaço



Assumptos coloniaes — Na provincia de Angola — A FAZENDA MARAVILHA-CASSEQUEL
Uma rua de palmeiras e canna atravessada pela linha Decauville

a Antonio de Carvalho a faculdade de acrescentar o nome de familia *Meyrelles*.

D'esta vez não informou os amigos, mas nos seus cartões de pergaminho reluzia já, impresso a ouro, um nome sumptuoso: Antonio de Carvalho e Meyrelles.

E d'ahi em diante, até á velhice, raro era o anno que não enriquecia o nome com um additamento magnifico. Levava na capital uma vida luxuosa, mas isolada, passando os annos entre o odio aos salões aristocraticos que se lhe fechavam affrontosamente e a tarefa, sempre ardorosa, de augmentar os capitaes e os appellidos.

Como o antiquario desejoso de trazer na mala de viagem as precio-

sidades de todos os museus, quieria usar, enganchados e lustrosos, os fidalgos cognomes do universo, para que se, um dia, os linhagistas pretendessem desvendar-lhe todas as origens nobiliarchicas, experimentassem a difficuldade do astronomico que, para estudar os astros, os divide em constellações. Ambicionava sentir no dorso, articuladas e distinctas, todas as finas costellas do Gotha, para que o olho social lh'as invejasse atravez da casaca fina.

E o Antonio que, um dia, na Africa, largara a Mauser carregada para mais velozmente fugir a um murro de preto, sentia nas veias comichões heroicas de ir trucidar islamitas á Terra Santa, para de lá voltar barão de uma aldeola levantina.



Assumptos coloniaes — Na provincia de Angola — A FAZENDA MARAVILHA-CASSEQUEL
Um dos mais lindos trechos



Assumptos coloniaes — Na provincia de Angola — A FAZENDA MARAVILHA-CASSEQUEL
Um aspecto

Assim foi envelhecendo com o nome e o capital a crescerem fabulosamente, anno a anno. Quando attingiu o milhão e os 80 annos, cubiçou um nome de príncipe.

Mas onde ir buscal-o, sem protesto? Lembrou-se do *Diario do Governo*. Mas não, o *Diario* não concederia. O que elle queria, d'esta vez, era um nome inconfundivel que o aparentasse com sangue real. Recordou-se do duque de Castro Bello.

«Oh! este sim! este sim!... — exclamava, passeiando no quarto, apoiado á bengala, já tropego, com os olhitos sumidos a fuzilar grandezas. — Mas como? Como? Se elle quizesse tomar-me como parente, dávalhe... dávalhe... — E não conseguia fixar uma quantia. — Mas elle ouvia-me lá! Punha-me logo fóra do palacio... Nada, é preciso descobrir outro meio...»

E tanto espremeu a cabeça, até que lhe escorreu um plano.

Uma manhã, depois do almoço, chamou, em gritos, a Guilhermina, uma creadita de voz melada que se dizia natural de Coimbra e filha de um estudante fidalgo... O amo queria para ali, depressa, a sua melhor casaca, os seus brilhantes, a bengala encastoada de oiro e o ultimo chapen vindo de Paris.

— Mas para onde vae o senhor Meyrelles, já tão cedo?! lastimava carinhosamente a Guilhermina, ajudando-o a vestir a sobrecasaca.

— Vou talvez para a morte!... sussurrou tragicamente.

— Oh! Senhor Meyrelles!...

— Mas tambem, se escapo, é, emfim, a gloria, a nobreza!

— Mas como treme, santo Deus! Parece que tem febre... Não saia, senhor Meyrelles... A sahida vae fazer-lhe mal...

Mas Antonio Carvalho não ouvia a creada.

Ao meio dia estava elle na arcada, de mãos crispadas no fundo dos



Assumptos coloniaes — Na provincia de Angola — A FAZENDA MARAVILHA-CASSEQUEL
Um campo virgem

bolsos e os dentes postigos cerrados, respirando arquejante pelo nariz, a disfarçar o tremor convulso que o sacudia.

«O duque de Castro Bello não podia tardar. Costumava vir áquella hora.»

Não se enganou. Momentos depois, passava em frente do ministerio do reino uma carruagem luxuosa. Quando o trintanario abriu a porta e o duque apeiou, n'um porte galhardo, Antonio Carvalho quiz avançar, mas sentiu vergar as pernas, como se o seu corpo tivesse o peso da columna a que se encostára, meio desfallecido.

Parecia-lhe que toda a arcaria se inclinava fragorosamente para um desabamento.

O duque avançava em frente d'elle, levando atraz de si nma camada de gente curva, murmurosa e rastejante, como a cauda do manto de um semi-deus.

O espectáculo encorajou-o.

De encontro ao duque, caminhava lentamente um electrico vindo da Rua Augusta. Era a occasião propicia. Antonio Carvalho mediu com os olhos um espaço, e quando o duque lhe passava ao lado e o electrico vinha a uns metros de distancia, atirou-se á linha, soltando um grito.

O duque, agil e forte, arrastou-o pela gola da sobrecasaca para o vão da arcada, e depois de o recomendar carinhosamente a dois policias, subiu as escadas do ministerio do reino.

Antonio Carvalho apenas soffrera a perda dos sentidos e uma sangria nasal. Voltou a casa radiante, sendo o seu primeiro cuidado escrever ao duque uma carta longa, explicando, por desgostos intimos, a tentativa do suicidio, de que estava arrependido. Confessava-se seu eterno devedor, chamava lhe pae, e como desejava lembrar-se constantemente do seu salvador e avivar gratidão em todos os actos da sua vida, pedia ao duque lhe deixasse acrescentar ao seu nome, os nobres appellidos: Castro Bello. Terminava por lhe rogar licença para, desde já, se assignar: *Antonio de Castro Bello*.

«Um maluco, coitado!» — dizia o duque rindo e mostrando a carta á esposa.

Mas Antonio nunca sentira tão bem a cabeça no seu logar. Agora, aos oitenta annos, pensava elle n'um descendente a quem legasse os cognomes e os capitães.

Como uma alliança aristocratica se tornava impossivel, lembrou-se da Guilhermina, a qual, segundo ella jurava, tinha costella de conde. Depois, «era bóa rapariga, sosegada, honestinha, verdadeira», mesmo a calhar para um filho legitimo. Apesar d'esta confiança, depois de um casamento secreto em que a Guilhermina foi promovida a *Dona*, mandou couraçar a casa e pôr uma vigia de saias a cada porta. Calça de homem só lá entrava o gallego Ramon, o carvoeiro Ramon, ennegrecido e feio como um cyclope, a quem Dona Guilhermina detestava tão entranhadamente, que até cuspiu de nojo ao presentel-o na cosiuha.

Graças a estes cuidados, ponde Antonio Carvalho morrer aos oitenta e um annos, ennobrecido e feliz, depois de assistir ao baptisado de um filho authentico, a quem deu o nome imperial de Cesar.

E ninguem estranhou quando o petiz, já crescido, assignava o requerimento do primeiro exame, com este nome magnifico: Cesar de Castro Bello y Ramon.

A Dona Guilhermina «sosegada, honestinha, verdadeira», herdára, com o milhão, a mania do esposo...

P. Alvares d'Almeida.

Os pelourinhos de Gaya

Antiga povoação, que hoje se chama Villa Nova de Gaya, é situada na margem esquerda do Douro, em frente á cidade do Porto, e pode ufanar-se de ter sido a terra d'onde sahio o nome de Portugal, como corrupção de *Porto Cale* (Porto da Cal). E' antiquissimo o seu couto, pois quando em 1123, a rainha D. Theresa, mãe de D. Affonso I, contou os arrabaldes povoados da Sé do Porto, para os dar a D. Hugo, bispo d'aquella cidade, já na margem opposta se chamava *Burgo Velho* a povoação que, no tempo dos romanos, se denominára *Cale* ou *Castrum antiquum*.

Os bispos do Porto que eram, por doações dos nossos primeiros monarchas, senhores da cidade e seus arrabaldes, começaram a exigir e a perceber todos os rendimentos que n'ella se cobravam.

O poder espirital, que n'esses tempos gosava de tanto prestigio e dispunha de tão grande força, unido assim á auctoridade e riquezas do poder temporal, tornava os prelados que o usufruam em verdadeiros potentados, e os proprios reis algumas vezes se viram obrigados a deporem os interesses do paiz aos pés da mitra episcopal cheia de privilegios.

Foi D. Affonso III um dos reis que teve de entrar em lucta com o bispo do Porto e foi quem, por meios indirectos, conseguiu chamar para o erario real, ou seja para o thesouro publico, os direitos da alfandega do Porto, que o bispo por modo algum queria abandonar. Para isso, no anno de 1255, esse monarcha fundou entre o Burgo Velho e a Serra de Quebrantões, hoje conhecida por Serra do Pilar, uma povoação que se ficou chamando Villa Nova de Gaya, passando a outra a denominar-se Villa Velha.

Na povoação que fundára e onde o bispo do Porto não podia exercer os seus privilegios senhoriales, estabeleceu D. Affonso uma casa de alfandega, determinando que todas as mercadorias e generos que entrassem pela barra do Douro ou viessem rio abaixo, fossem ali despachados e pagassem os respectivos impostos.

O prelado reagiu contra as ordens do rei, appellando para o papa;

D. Affonso, porém, soube manter com firmeza os direitos da corôa, de sorte que os bispos do Porto ficaram para sempre desapaosados d'aquella importantissima verba.

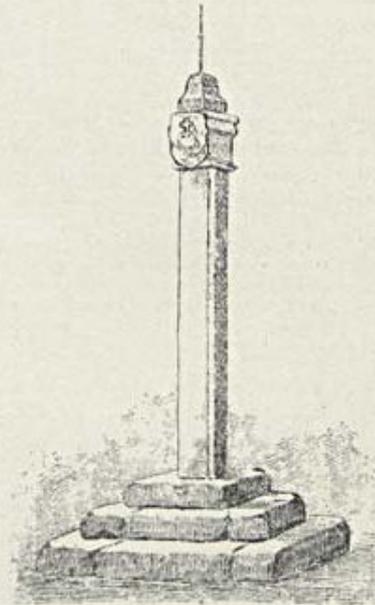
Tal foi o principio e a razão de ser de Villa Nova de Gaya, nome por que é hoje conhecida toda a margem esquerda do Douro, em frente á cidade do Porto. E' um grande centro de industria e uma das terras, sem contestação, mais laboriosas do reino.

Villa Nova de Gaya, a que o povo outr'ora chamava *Porto Novo*, teve foral com muitos privilegios e isenções, dado pelo seu fundador em setembro de 1255, datado de Coimbra.

No reinado de D. João I, tendo Villa Nova de Gaya perdido o foral de D. Affonso III e não se descobrindo copia d'elle em parte alguma, solicitou que lhe fosse dado o foral de Villa Nova de Rei, que era de D. Diniz, em troca do que havia perdido e se não encontrou. D. João I deu-lhe carta, feita no Porto, a 25 de outubro de 1394, com o theor do foral de D. Diniz e D. Manuel deu-lhe novo foral, em Lisboa, a 20 de janeiro de 1518.

No Livro Grande da camara do Porto, a folhas 72, está o foral que D. Affonso deu aos moradores da «sua Villa de Gaya».

Em outros tempos Gaya encerrava algumas anti-guidades, que o tempo, as



O pelourinho de Villa Velha

guerras e ainda mais o vandalismo, destruíram completamente, á frente das quaes avultavam o castello de Gaya, o *Castrum antiquum* dos romanos, e *alcozar* do mouro *Albo-zar*, que o nosso egregio Garrett popula risou na lenda do rapto de Zahora pelo rei Ramiro II de Leão.

Tambem já não existe a *capella de S. Marcos*, que ficava proxima e ao N. do dito castello, e que alguns escriptores pretendem que fosse a Sé dos bispos de Cale.

Possuio Gaya dois pelourinhos, um na Villa Velha e outro na Villa Nova.

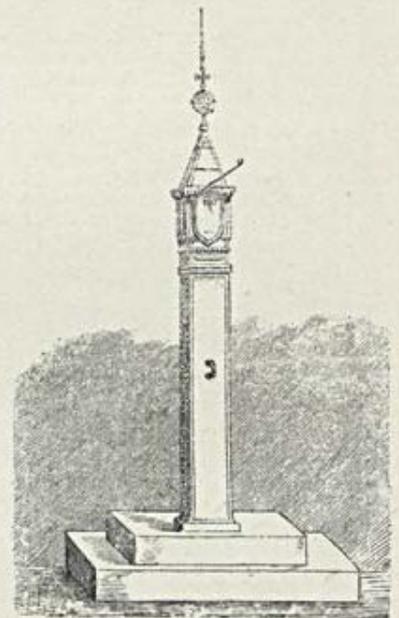
O pelourinho da Villa Velha, que ainda existe, encontra-se no caes Capello e Ivens, antigo caes de Gaya, bastantemente deteriorado, não só pela acção do tempo como principalmente pelo abandono a que foi votado, e agora mesmo, se está visivel deve-se isso ás providencias tomadas pelo sr. J. A. da Silva Magalhães.

Suppõe-se que o fuste d'este singelo pelourinho não seja o primitivo por não estar em harmonia com o capitel.

Ignora-se a epocha em que tenha sido reformado por não existirem documentos a tal respeito na respectiva camara municipal.

O pelourinho da Villa Nova, que era superior ao outro pelos seus ornatos, fôra construido no caes, proximo ao canal do poente do armazem chamado de Thomaz da Rocha, por não haver nenhuma praça. Foi este pelourinho derrubado por uma cheia do rio Douro, em 1821, sendo as pedras arrastadas pela corrente.

SILVA LEAL.



O pelourinho de Villa Nova

A primeira das virtudes é a paciencia. E' nas afflicções que ella tem o seu logar d'honra.

83

Receber beneficios é vender a liberdade

NOTAS HISTÓRICAS

A cavallaria

A sua importancia na Edade Media — O que era ser cavalleiro — A cerimonia da investidura — A armadura, o seu desenvolvimento e a sua decadencia.

Hoje, que os concursos hippicos estão adquirindo notavel desenvolvimento entre nós e que os cavalleiros portuguezes tem demonstrado

guerra. Aos vinte annos era finalmente armado cavalleiro, revestindo a cerimonia a maior pompa.

Na vespera o neophito tomava banho para purificar o corpo e em seguida vestia um justillo preto, uma especie de saiote vermelho e uma tunica branca. O branco symbolisava a pureza, o vermelho, que devia derramar o seu sangue pela fé e pelo rei e o preto que devia estar sempre preparado para morrer. A noite passava-a em jejum n'uma egreja, fazendo oração. Era o que se chamava o *velar das armas*. De manhã confessava-se, commun-gava e ouvia missa, procedendo-se depois á cerimonia da investidura. De joelhos deante do padre, este benzia-lhe a espada, e, entregando-lh'a, incitava-o a proteger os pobres e os opprimidos, a combater lealmente e a nunca faltar



Cavalleiro do tempo de Carlos e Calvo (Fig. 1)

tanto á evidencia os seus conhecimentos e o seu arrojo, veem a proposito algumas palavras ácerca do que foi a cavallaria nos seus tempos aureos, quando ella constituia a principal força dos exercitos e a arma que em combate tinha verdadeiro valor. A sua importancia ainda hoje grande, dada a sua rapidez de movimentos, foi enorme durante a Edade Media, tendo o seu valor decrescido lentamente desde que a polvora se inventou e successivos melhoramentos se foram introduzindo nas armas de fogo.

Ser cavalleiro era então uma das maiores honras que um homem podia ambicionar. Ser cavalleiro era ser valente, era ser nobre, era professar o



Cavalo e cavalleiro com as respectivas armaduras (seculo XV) (Fig. 5)

culto da virtude e da gloria no mais elevado grau.

Não era cavalleiro quem queria. Uma tal honra ou se conquistava nos campos de batalha, quando se praticavam altos feitos, ou se nascia ja com direito a ella, quando se possuia uma nobre ascendencia. N'este ultimo caso o jovem que aspirava a ser cavalleiro não o era, ainda assim, sem ter dado as suas provas, sem ter feito um largo tirocinio.

O tempo da aprendizagem decorria nos paços reais ou no castello de algum senhor feudal, onde o futuro cavalleiro servia como pagem, durante a sua primeira infancia. Ia d'este modo prestando pequenos serviços ao mesmo tempo que era educado nos cuidados da religião e aprendia a manejar a espada, a lança e o escudo. Completo este primeiro tirocinio, o pagem passava a escudeiro, sendo-lhe cingida a espada aos pés de um altar pelas mãos ungidas do sacerdote e era então elle o encarregado de levar o escudo do seu senhor quando este marchava para a

hia não era apenas uma questão de palavras, de praxe, mas sim uma realidade que, quando não cumprida, sujeitava o cavalleiro a penalidades varias e algumas infamantes como era a da sua expulsão do gremio da cavallaria.

Em Portugal tivemos sempre nobres, leaes e valentes cavalleiros. A fundação da nossa nacionalidade e o seu engrandecimento á custa das cidades e villas tomadas aos mouros não foram senão uma longa serie de façanhas audaciosas praticadas pela nossa cavallaria. Tivemos Egas Moniz, nobre exemplo de honradez, Martim Moniz, cuja valentia se affirmou com o sacrificio da propria vida, Martim de Freitas, aquelle glorioso alcaide de Coimbra que depois de deposto D. Sancho II ainda se lhe conservou fiel, não entregando a cidade nem reconhecendo a legitimidade de D. Affonso III senão depois d'aquelle infeliz rei ter morrido e, enfim, muitos outros cavalleiros cujas espadas



Cavalleiro do seculo XIII (Fig. 3)

aos preceitos da honra. Ia em seguida ajoelhar aos pés do padrinho, isto é, do senhor com quem até então havia servido e que ia conceder-lhe o elevado grau a que aspirava. Este cingia-lhe a espada e com a sua, tocando-lhe tres vezes no hombro ou na nuca, dizia: «Eu te armo cavalleiro em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.»

Estes costumes, estas ceremonias em que o caracter religioso imperava, comprehende-se bem que obrigassem aquelle que assim era engrandecido a proceder com a maior correccão, seguindo sempre o caminho da honra e da gloria, tanto mais que a obrigação que contra-



Cavalleiro dos seculos XI e XII (Fig. 2)



Armadura completa do seculo XV (Fig. 4)

ajudaram a talhar, durante a primeira dynastia, esta pequena nação da península que mais tarde havia de ser um dos maiores estados da terra. Depois, logo no começo da dynastia Joannina, a historia aponta-nos dois esforçados cavalleiros. Um d'elles foi o proprio rei D. João I, o mestre d'Aviz, o outro Nun'Alvares Pereira, o santo condestavel, como mais tarde o povo lhe chamou, o vencedor dos hespanhoes em tantas batalhas cujo resultado foi a consolidação definitiva da nossa nacionalidade por occasião das luctas que se seguiram á morte de D. Fernando.



Um elmo
(Fig. 6)

Tambem por este tempo a historia regista um feito da nossa cavallaria em que a gentileza egual o arrojo e que Camões descreveu nos seus versos immortaes na parte do seu poema que se refere aos *Doze de Inglaterra*. Algumas damas gentis da cõrte ingleza, sentindo-se offendidas por cortezãos seus patricios cuja linguagem pouco correcta estava longe de poder ser comparada com a fidalguia do nascimento, não encontrando no seu paiz quem se apresentasse a defendel-as, fizeram um apello a doze cavalleiros portuguezes no numero dos quaes se contava Alvaro Gonçalves Coutinho, o celebre *Magriço*.

Os doze cavalleiros lá foram a Inglaterra e em que cada um d'elles era o paladino d'uma das damas offendidas, venceram os doze inglezes que lhes fizeram frente, rehabilitando assim, perante o rei e toda a cõrte ingleza, a honra d'aquellas que os haviam escolhido para tão gentil empreza.

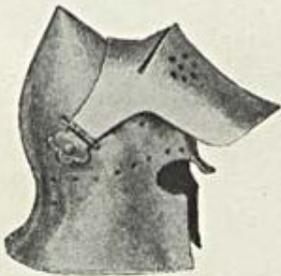
Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He d'esses gastadores, que sabemos
Maos do tempo, e em fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso que entendemos
Que com finezas altas e affamadas,
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria

CAMÕES — CANTO VI, EST. LXVI.

Muitos outros factos a historia aponta demonstrando que em todas as épocas houve em Portugal bons cavalleiros que honrando o seu paiz ao mesmo tempo souberam prestar culto ás tradições nobilissimas da cavallaria. Cital-os seria porém longo e afastar-nos-ia do nosso fim principal.

O armamento da cavallaria e em especial a armadura tiveram a sua evolução como se deprehe de da simples analyse das gravuras que illustram esta pagina.

Na figura 1, por exemplo, o cavalleiro tem a cabeça envolvida n'uma especie de capuz de couro e por cima o capacete de ferro. O corpo está protegido por uma couraça de escamas de ferro, prolongando-se da cintura para baixo até ao joelho n'um saio de tiras de couro, e as pernas apresentam-se envolvidas em tiras tambem de cabedal.



Um bacinete
(Fig. 7)

Na figura 2 nota-se já um grande avanço. O cavalleiro tem ainda a cabeça e parte da cara envolvidas n'um capuz de couro mas o capacete de ferro apresenta um grande melhoramento defensivo — a placa de ferro destinada a proteger o nariz. A estes capacetes se deu entre nós o nome de — *capacetes de nasal*. O corpo está todo envolvido n'uma cota de malhas de ferro ou aço entrelaçadas umas nas outras, cota a que se dava em Portugal o nome de *loregão*, chamando-se *loriga*, por ser mais pequena, á couraça que reveste a figura 1. As mãos eram já protegidas por umas placas de solla.

Vem a seguir a figura 3 na qual se nota o aperfeiçoamento da cota de malha, protegendo a cabeça com o chamado *camal* e formando calças com pés, tudo de malha de ferro.

Era então de uso uma especie de tunica sem mangas, a que se dava o nome de *laudet*, com os brazões, bordados ou pintados, dos cavalleiros e que se vestia por cima da cota, chamando-se tambem por isso *sobre-cota*. Por cima do capuz ou *camal* usava-se o *elmo* (figura 6) cuja forma era cylindrica e que por ser pesadissimo apenas se punha no momento do combate. O elmo assentava sobre os hombros e tinha na frente duas fendas para o cavalleiro poder ver e por baixo varios buracos pelos quaes respirava. O elmo foi mais tarde substituído pelo *bacinete* (figura 7) tendo na frente uma peça movel — a *riseira* — que se levantava e baixava para o cavalleiro ver e respirar mais á vontade.

Na figura 4 a armadura apresenta-se-nos em pleno desenvolvimento, sendo as suas peças principaes:

a) o *elmo* ou *bacinete* para proteger a cabeça;

b) o *gorjal* ou *gorgeira*, especie de collar formando um cabeção para proteger a garganta;

c) o *corselete* que servia para defender o peito;

d) os *espaldares*, defeza das espaldas;

e) as *cotovelleiras* que protegiam o braço na altura do cotovello;

f) os *guantes* ou *manoplas* para proteger as mãos, dando-se-lhes o primeiro nome quando tinham a divisão dos dedos e mais tarde o segundo quando essa divisão desapareceu;

g) as *faldas* que serviam para defender os rins;

h) os *cuxotes*, defeza das coxas;

i) as *escarcellas* que completavam esta defeza, prendendo-se, na frente, ás faldas por meio de fivellas;

j) as *joelheiras* para proteger os joelhos;

k) as *grevas* ou *canelleiras* para defeza da perna do joelho para baixo;

l) e, finalmente, o *sapato de ferro*, constituido por laminas assentes sobre o sapato vulgar, e que teve diferentes feitios mais ou menos em bico.

Pela figura 5 vê-se que tambem o cavallo teve a sua armadura cujas peças mais importantes eram:

a) a *testeira* para a defeza da cabeça;

b) a *pescoceira* para proteger o pescoço;

d) o *peitoril* que protegia o peito;

e) os *ilhaes* que completavam o peitoril;

f) e o *bardão* cujo fim era defender as ancas.

Assim armados, cavallo e cavalleiro constituíam como que uma fortaleza movediça cujo embate a peonagem temia por ser quasi impossivel a defeza contra um choque de tal forma terrivel. Os combates eram então uma serie de duellos entre cavalleiros em que a força e o maior numero tinham todas as probabilidades de vencer, muito embora alguns, pela sua destreza e arrojo, conseguissem destroçar numerosos inimigos. E foi porque assim o reconheceu que Nun'Alvares Pereira, em Aljubarrota, teado a intuição da força quasi invencivel que mais tarde havia de vir a ter a infantaria, mandou aprear os seus 6000 cavalleiros e formou com elles um quadrado contra o qual veio quebrar-se impotente a arremettida da numerosissima cavallaria hespanhola.

A armadura que, como já notámos, não nasceu d'uma só vez mas

Assumptos religiosos



Imagem de Jesus Christo

Esculptura em madeira
executada nas officinas do sr. Luiz Esteves de Carvalho, do Porto,
e offerecida a Sua Magestade El-rei o Senhor D. Manuel II

que se foi successivamente aperfeiçoando a ponto do cavalleiro se tornar quasi invulneravel, tambem só lentamente foi desapparecendo, quasi peça por peça, á medida que se foi reconhecendo a sua inutilidade, dado o aperfeiçoamento das armas de fogo, como no começo d'este artigo dissemos.

J. NUNES DE FREITAS.

A tuberculose e o canto

A idéa de fazer cantar as creanças nas escolas de instrução primaria, que entre nós começa a ser posta em pratica, suggerenos algumas considerações acerca do canto coral, sob o ponto de vista da hygiene dos pulmões.

Um facto tem, de ha muito, ferido a attenção dos medicos espe-

O canto exige por parte d'aquelles que o exercem uma série de exercicios praticados com methodo, todos os dias. Estes exercicios de ordem phonetica, tomando para base essencial a *respiração*, que constitue o assumpto das primeiras lições dos mestres, é que representam a verdadeira causa da resistencia á tuberculose.

O dr. Francon accrescenta ás considerações do dr. Coupard sobre este assumpto que, não só o canto, mas até a propria declamação, habilmente dirigida, começando-se por ensinar o individuo a respirar, determina um arejamento tão completo dos pulmões que não consente que os germens da tuberculose encontrem na massa pulmonar ponto fraco onde fazer casa.

Por outro lado a gymnastica constituída por esses exercicios cria particulares condições de resistencia aos orgãos respiratorios, tal qual como os exercicios physicos desenvolvem e fortalecem o tecido muscular.

A caixa thoracica augmenta de capacidade, especialmente se os exercicios se começam em tenra idade, uma cousa que se oppõe decisivamente á invasão da tuberculose tão partidaria dos peitos deprimidos.

Em Cintra

Uma tourada de amadores



O grupo de amadores

José da Costa, Arthur Felix (cavalleiro), Alfredo Mattos, Alfredo Mourisca, João Casal, José Mattos, João da Silva, Luiz d'Almeida, Leopoldo Alves e Plíneo Alberto (cavalleiro)



Uma féga

Na guerra contra a tísica deve occupar o primeiro lugar, como um dos mais seguros meios de combate o exercicio do canto, o canto coral nas escolas e nos lyceus, que felizmente já vemos iniciar-se entre nós.

Aproveitamento da manteiga raneosa, ou suja

Deita-se em agua a ferver, derrete-se, e as impurezas võem todas á superficie. Espreme-se cuidadosamente e depois deita-se na batedeira juntandolhe leite fresco e nata, e procede-se como para fazer manteiga. Por fim cõa-se e salga-se, ficando como se fosse fresca.

cialistas em doenças das vias respiratorias, e é que a tuberculose pulmonar e a da larynge são rarissimas entre os cantores.

A que se deve attribuir a causa de tal immundade?

De facto, não se pôde ligar esta isenção nem a escrupulos de hygiene, que não possam existir n'outras classes, nem a condições particulares do meio.

O que se vê desde logo é que nos cantores habituados a respirar segundo as boas regras, isto é, pelo nariz, as poeiras carregadas de microbios fixam-se nas suas fossas nasaes, não se introduzindo nas vias respiratorias. Ali, ou são destruidas pelas secreções da pituitaria, ou são lançadas fóra.

Mas esta razão não é comtudo sufficiente para explicar completamente essa immundade.

E' mesmo para notar que os artistas lyricos, apesar dos mais escrupulosos cuidados de hygiene que possam ter, pelas proprias condições da sua vida estão expostos a rudes assaltos contra a sua saude.

O cantor do theatro está sobre o palco sujeito a fortes correntes de ar, desempenhando um trabalho cujo esforço vae até á transpiração abundante.

Este artista está por conseguinte exposto ás causas mais frequentes das bronchites, pneumonias e outras doenças pulmonares, resistindo a todas ellas de uma maneira que tem causado a admiração dos proprios medicos dos theatros que conhecem de perto as circumstancias terriveis, sob o ponto de vista hygienico, em que esta gente se encontra sobre o palco.

E' pois no uso da sua propria arte que se deve procurar a explicação do estranho facto; a arte do canto é para os cantores o verdadeiro antidoto contra a tuberculose. Assim o julga, entre outros especialistas, o dr. Coupard.



Uma curiosa philharmonica, organisaada pela petizada de S. Pedro de Cintra com o fim de obter donativos, tocando a varias portas
(Cliché de A. C. Lima)